

Vanessa Carlyne Lucca

**A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DIDÁTICA NO
PERÍODO DE 1930-1990**

Maringá
2010

Vanessa Carlyne Lucca

**A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA DIDÁTICA NO
PERÍODO DE 1930-1990**

Artigo de Conclusão de Curso , Curso de Pedagogia, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá, como requisito de avaliação sob orientação da Profª. Drª. Anair Altoé.

Maringá
2010

RESUMO. As diferentes correntes didáticas, pertinentes aos anos de 1930 a 1990, foram uma resposta as necessidades da época. Um determinado modelo de cidadão que se pretende formar, sempre está voltado para o momento em que se vive, mas isso não significa que com a mudança de um período para outro, o que se tinha em vigência deve ser totalmente descartado. Muitos são os pontos positivos os quais devem ser levados a diante. Sendo assim, na atualidade (século XXI), não se faz raro encontrar resquícios de outros momentos didáticos, como os tratados no presente artigo. Sendo assim, o objetivo do estudo foi, analisar a didática do período de 1930 a 1990, bem como suas contribuições para uma melhor formação dos indivíduos, de forma que os mesmos possam efetivamente ser inseridos na sociedade, de forma que o caminho metodológico percorrido foi realizado por meio de leituras dos textos e artigos produzidos por pesquisadores, tais como: ALTOÉ (2010); TERUYA (20010); GASPARIN (2010); NEGRÃO (2010); entre outros. O trabalho baseou-se na leitura e reflexão acerca do conteúdo apresentado pelos referidos pesquisadores sobre as propostas pedagógicas entre o período de 1930-1990, sua inclusão e sua integração ao currículo escolar na educação básica, bem como no papel do professor e do aluno no ambiente escolar. Além do que, foi abordada a importância e as formas de incluir os aspectos relevantes desse período na sala de aula hoje (século XXI), desde as series iniciais, tendo como objetivo principal a construção do conhecimento pelo aluno. Nesse sentido espera-se que os recursos favorecidos por esses processos didáticos, possam contribuir no aprendizado escolar. O resultado desta análise bibliográfica possibilitou conhecimento do pesquisador sobre as influências dos modelos educacionais pesquisados (Processo tradicional, Processo escolanovista, Processo tecnicista, Processo construtivista e Processo sócio-libertador), sobre a constituição da didática da sociedade moderna, bem como suas contribuições para a formação de professores quando evidencia o tipo de cidadão solicitado pela sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Educação, Didática, Formação de Professores

ABSTRACT. The different educational streams, relevant to the years 1930 to 1990, were a response to the needs of the time. A particular type of citizen who

wants to train, always faces the moment you live, but that does not mean the change from one period to another, which had been in force should be totally discarded. There are many positive aspects which must be carried on. So today (century), does not uncommon to find remnants of other times didactic, as discussed in this article. Having the same key words as: Education, Curriculum, Teacher Training. Therefore, the objective was to analyze the teaching of the period from 1930 to 1990, and his contributions to better training of individuals so that they can effectively be integrated into society, so that the path was traversed methodological realized through readings of texts and articles produced by researchers, such as: High (2010); Teruya (20,010); GASPARIN (2010); NEGRÃO (2010), among others. The work was based on reading and reflection on the content presented by these researchers about the pedagogical proposals to the period between 1930-1990, their inclusion and integration into school curricula in basic education, and the role of teacher and student the school environment. In addition, dealt with the importance and ways to include relevant aspects of this period in the classroom today (century), from the initial series, having as main objective the construction of knowledge by the student. In this sense it is expected that the features favored by these educational processes, can contribute to classroom learning. The result of this literature enabled the researcher's knowledge about the influences of educational models researched on the establishment of the teaching of modern society, and his contributions to the training of teachers when it shows the kind of citizen requested by the company. The form of presentation was organized by an article.

Key words: Education, Curriculum, Teacher Training. Therefore

INTRODUÇÃO

A expressão “didática: arte de ensinar”, foi plenamente consagrada em 1.629, por Comênio, em sua obra intitulada *Didática Magna*.

Didática significa arte de ensinar: essa é a definição mais comum que se encontra nos livros de didática, porém ela significa o conhecimento

científico, histórico, metodológico e educacional do século XVII, a qual corresponde pedagogicamente a esse período vivido pela sociedade.

Atualmente didática é entendida pelos autores em sua grande maioria como sendo um agrupamento ordenado de normas, regras princípios teórico-práticos, os quais norteiam a comunicação ou transmissão do saber científico, colocado pela instituição escolar, como conteúdo. Porém, mesmo que seja coerente a explicação acima citada, em relação ao que é didática na atualidade, seu verdadeiro significado, vai muito além disso, uma vez que a mesma está relacionada a uma história longa e muito significativa, tanto para a instituição escolar, quanto para a educação.

É necessário buscar nos fundamentos do século XVII, as raízes da didática daquela época, para que se tenha uma melhor compreensão da didática atual, conhecendo as mudanças sociais vividas no período de 1.930 a 1.990.

A partir da transição da Idade Média para a Idade Moderna, houve grandes viagens em busca de novos povos os quais dispunham de uma nação mais desenvolvida; a Bíblia foi colocada em contestação, com relação as novas descobertas científicas; surgiu um novo modo de pensar, e todos esses fatores culminaram em um novo momento social, o Renascimento.

Já nesse contexto histórico, o modo de produção feudal passa a ser substituído pelo capitalista incipiente, onde os bens produzidos deviam suprir as necessidades humanas. Com tantas mudanças sociais acontecendo nessa época era necessário que a escola formasse os indivíduos, para essa nova sociedade que estava culminando, preparando os mesmos para viverem nesse novo tempo, fazendo-se necessário o uso de um novo método, uma nova didática, com os mesmos interesses da sociedade em ascensão na época, os quais seriam ensinados aos alunos.

A DIDÁTICA E SEU CONTEXTO

Com a Didática Magna, escrita por Comênio, iniciou a organização do embasamento das novas formas de trabalho, na nova ciência experimental, nas mudanças radicais que aconteciam na estrutura social, nas discussões filosóficas, religiosas e educacionais da época.

A pedagogia tradicional, mantém a educação com uma linha filosófica e pedagógica da Idade Média. Foi trazida para o Brasil pelos jesuítas, cristalizando-se quando, no final do século XIX, chegam as idéias de Herbart¹. Sua essência diz respeito ao magistrocentrismo, ou seja, o professor sabe e o aluno não sabe, mas com o auxílio, a orientação e os métodos propostos pelo professor pode vir a saber.

O processo tradicional tem o objetivo de ensinar os indivíduos a se tornarem receptores passivos. Nessa perspectiva, compreende-se que, ao nascer, a mente humana é uma *tabula rasa* e aos poucos a sociedade, por meio das instituições como a família, a igreja e escola, vai imprimindo as imagens e as informações do ambiente. A visão de mundo é transmitida de geração a geração, no sentido de preservar a tradição (TERUYA, 2010, p. 33).

Trata-se do processo didático que se preocupa também com a moralização dos sujeitos. Isto significa que o aluno é um sujeito que precisa assimilar conteúdos a partir da exposição do professor, oral ou no quadro-de-giz, sendo estes conteúdos conhecimentos acumulados ao longo da história.

A tendência tradicional ou conservadora, aplica uma educação humanista, de cultura geral, centrada no professor, a aula é expositiva e o aluno deve obediência ao professor, tendo que se comportar como um sujeito passivo em sala de aula. A avaliação é realizada sob a forma de verificação dos resultados através de interrogatórios orais e escritos, provas, exercícios e trabalhos de casa. O aluno deve reproduzir na íntegra o que foi ensinado (avaliado por banca examinadora), classificatória.

As relações professor-aluno, neste modelo pedagógico se baseiam na imposição autoritária do professor que não permite nenhum tipo de participação do aluno, nem manifestação de qualquer natureza, que é identificada como indisciplina.

Mesmo diante do surgimento de outras tendências pedagógicas, ainda hoje a tradicional predomina em muitos modelos educacionais.

As atividades dos alunos consistiam em escrever, desenvolver a oralidade, imitar um, trecho de um poema, de um orador, compor sobre jardim, templo, tempestade, compor frases, enfim, uma diversidade de exercícios para fixação e memorização (TERUYA, 2010, p. 36).

¹ Herbart é considerado pelos pesquisadores, o fundador da Pedagogia Científica e da Psicologia Científica.

Este processo didático apresenta a sensação de que o interesse da educação era conservar as pessoas dentro de uma linha de domínio, interessante para instituições que escolhem o poder e a influência sobre as pessoas como a base de suas atuações para a perpetuação nos postos em que ocupam e não raro a exploração do que estas pessoas são capazes de produzir: ideologias partidárias, religiosas, domínio de grupos patriarcais, oligarquias, entre outros.

Não havia valorização à imaginação e à criatividade. O aluno era considerado um ser passivo, tendo que receber todo tipo de ensinamento sem buscar inovar, projetar, alcançar novos patamares no processo de aquisição de conhecimentos.

Este modelo didático prevaleceu por mais tempo em vigor, pois se estendeu desde a Idade Média, passando pela Idade Moderna e parte da Contemporânea, sendo questionada com as mudanças exigidas pela aplicação da psicologia na área educacional, nas primeiras décadas do século XX, quando as descobertas científicas transformaram a até então conhecida como “ciência da alma” em “ciência do comportamento”.

Embora ao longo desse tempo surgissem grandes nomes que colocassem em dúvida a educação tradicional, propondo já nos séculos XVII a XIX mudanças neste sentido, como o caso de Locke que propôs a “educação intelectual” com base na necessidade de leitura e da escrita (TERUYA, 2010, p. 37).

Da mesma forma Teruya (2010, p. 37) apresenta a proposta de Herbart, que é o fundador da Pedagogia Científica e da Psicologia Científica, afirmando que não havia interesse em mudança. Embora não existisse uma ideologia declarada aplicada à educação, pensava-se que o mundo necessitaria sempre do mesmo modelo de cidadão.

A educação dentro deste processo didático foi aplicada no Brasil ao longo dos séculos de colonização, embora tenha tido problemas de filosofia ou finalidade no modelo de formação do homem, o que acabou criando dificuldades entre os jesuítas e o governo português, sendo assim, o governo português os expulsou da colônia em 1.759, quando os jesuítas faziam dois séculos de serviços prestados aos colonizadores do Brasil.

Surge então uma nova proposta pedagógica, a qual se contrapõe diretamente à Pedagogia Tradicional, na medida em que centraliza toda a prática pedagógica no aluno, respeitando-o como capacitado a aprender desde que aja e produza ações.

Essa maneira de ver a educação tem como proposição a aplicação de métodos didáticos ativos e adaptados para atender às necessidades e ao desenvolvimento livre e espontâneo, ou seja, a pedagogia da valorização da atividade espontânea e criadora passa a ser considerada uma forma de promover o desenvolvimento harmonioso do indivíduo articulado à evolução de seus interesses naturais, dentro de um ambiente de vida e de ação (NEGRÃO, 2010, p. 49).

A Escola Nova foi criada nos Estados Unidos por John Dewey e um grupo de seguidores, no final do século XIX, expandiu-se pelo mundo no início do século XX, chegando ao Brasil na segunda metade da década de 1920, onde o Escolanovismo, pró-reforma da educação, fortemente influenciado pela recém criada Psicologia da Educação, que passa a ver e tratar o aluno a partir de suas características individuais e a educação como ação dinâmica que oferece oportunidade de desenvolvimento intelectual com plena liberdade para aprender.

Nos anos 30 do século XX, no Brasil, somam-se ao ideário europeu as idéias norte-americanas, defendidas e subsidiadas pela filosofia progressista de Dewey. Nesse contexto a transição ideológica provocada por uma transição social, o conceito individual se constitui no princípio fundamental da Escola Nova como uma forma de atender às necessidades de aprendizagem do indivíduo, obedecendo a seu desenvolvimento psicológico (NEGRÃO, 2010, p. 48).

A escola nova foi uma reação à tradicional, porém não apenas com esta finalidade (de reagir), mas sim, se fundamentar nos princípios científicos que se projetam e alcançam resultados comprovados, no caso a psicologia foi a grande colaboradora com esta nova visão educacional.

A proposta da escola nova tinha toda uma linha de aproveitamento dos aspectos psicológicos no contexto do desenvolvimento humano. Aproveitou-se muito dos legados daqueles que se manifestaram contra a escola tradicional.

Traça-se uma nova forma de pensar em relação ao indivíduo e à sociedade, levando-se em conta o modo de se relacionar deste com seus semelhantes e com a sociedade em suas formas de organização. É este indivíduo que a educação deve preparar para acompanhar as transformações e criar, inovando para atender as necessidades gerais da sociedade.

Essa forma de pensar remete à compreensão de que o indivíduo, sociedade e cultura são elementos distintos que, simultaneamente, agem e interagem. São partes que formam um todo real. Entretanto,

há no indivíduo algo que o impede de ter determinado pela ação do meio social, e é esse algo que constitui o elemento original e livre do espírito humano. Esse elemento individual permite que o homem crie, invente e progrida (NEGRÃO, 2010, p. 50).

Os ideais deste processo foram muito claros e fortes, portanto, convincentes no sentido de se fazer colocar em prática na educação, o qual predominou a primeira metade do século XX em todo o mundo ocidental. Porém, a má interpretação de seus princípios, fez com que houvesse muitas controvérsias quanto a aplicação de seus fundamentos, sendo acusada de causar decadência no ensino, marginalização dos pobres, acentuando a heterogenização do trabalho escolar.

Diante dessa realidade, a pedagogia tradicional, veio tentar suprir as lacunas deixadas pela antiga proposta pedagógica.

O tecnicismo apresenta características típicas de uma filosofia educacional de preparar o ser humano para uma integração no meio em que vive, através da modelação do seu comportamento. Simplificando pode-se utilizar o dito popular “dançar conforme a música”. A preocupação da educação é preparar pessoas que atendam as necessidades do mercado de trabalho, da produção econômica. De acordo com a filosofia educacional proposta por esta pedagogia, ela proporciona condições para que o ser humano sobreviva com dignidade e proporcione meios de desenvolvimento para o setor produtivo. Está em pleno acordo com o neoliberalismo que garantiu condições para a implantação da globalização, cujo princípio fundamental é criar cidadãos consumidores.

Inicialmente, a tecnologia educacional foi influenciada pelas teorias comportamentalistas. Essa influência fez com que fosse enfatizado um planejamento de ensino baseado na descrição detalhada de objetivos comportamentais que seriam alcançados pelos estudantes. Sabe-se que essa abordagem pedagógica recebeu o nome de tecnicismo e, que, por conseguinte, defende o planejamento como solução para problemas educacionais. (ALTOÉ, 2010, p. 64).

A tendência tecnicista enfatiza a produtividade do aluno, que por sua vez deve ser preparado para o mercado de trabalho e ao sair da escola “saber fazer”. O professor é um elo entre a verdade científica e o aluno. Toda atuação da escola está centrada no método científico, que enfatiza o uso de técnicas de micro-ensino e recursos audiovisuais.

Muitos professores, ao fazerem uso de materiais audiovisuais, não conseguem o rendimento esperado e sentem-se frustrados. Certamente o recurso audiovisual utilizado com a fundamentação da abordagem tecnicista, centrado apenas em seu valor técnico, não trará, aos professores e estudantes, os resultados esperados para o processo de ensino e aprendizagem (ALTOÉ, 2010, p. 63).

O tecnicismo como pedagogia educacional nada mais é que o fruto da preocupação capitalista em explorar cada vez o potencial produtivo do ser humano para o acúmulo de capital. Está certa a idéia de preparar o ser humano para uma profissão, porém, com a finalidade de ganhar sua vida (o que no caso do Brasil – principalmente não ocorre por causa dos salários aviltantes da maioria, insuficiente para a manutenção de condições dignas dos que trabalham). Mas é preciso que o preparo para o trabalho esteja voltado também para o “valor social do trabalho”, tão importante quanto o “valor econômico”. Por outro lado o modelo tecnicista não apresenta nenhum tipo de preocupação com a formação do ser humano como tal. Um homem-cidadão comprometido com o bem-estar da sociedade na qual se integra e da qual é membro.

No que se refere ao processo didático, cabe ao professor aplicar formas para arranjar e combinar reforços no encadeamento do que deve ser aprendido pelo aluno.

Na concepção desse processo, o instrutor ou professor dispõe de três formas para arranjar e combinar o *reforço* e as *contingências*. São elas: a) **encadeamento**: consiste no arranjo das condições de reforço, de maneira que uma cadeia de respostas sejam aprendidas... ; b) **modelagem**: refere-se à aprendizagem de hábitos motores, que no início se aproximam de uma cópia e melhoram conforme são executados e se tomam próximos do modelo apresentado; c) **enfraquecimento**: ocorre quando uma resposta controlada por estímulo passa a ser emitida mesmo quando o estímulo original se apresenta enfraquecida (ALTOÉ, 2010, p. 58).

Pode-se observar que o processo didático tem uma seqüência que se pretende alcançar, a qual seja lógica e capaz de criar uma escala de compreensão ao aluno para que a aprendizagem se realize dentro do que se pretende a partir dos pressupostos teóricos.

Dentre os elementos que desafiaram o processo didático da pedagogia tecnicista, destaca-se a aplicação de técnicas que permitissem o ensino mais prático e operacional. Não havia um equilíbrio entre os elementos componentes dos métodos e a avaliação da aprendizagem.

No entanto, a questão central do ensino na abordagem tecnicista não é o professor nem o estudante, mas as técnicas. Nessa direção, reorganiza-se o processo educativo no sentido de torná-lo objetivo e operacional. As escolas tornaram-se instituições burocratizadas. Nesse contexto, exige-se dos professores, a operacionalização dos objetivos, como instrumentos para medir comportamentos observáveis e válidos porque devem ser mensurados, controlados (ALTOÉ, 2010, p. 60).

O cenário de aplicação deste processo exigiu reestruturação de espaços físicos e criação de instrumentos que se orientam pela prática em muitas atividades educacionais, mesmo porque é dele que se vai orientar a formação de pessoal para mão-de-obra de muitas das áreas produtivas.

A educação brasileira, a partir de 1980, começa a repensar e reorganizar o processo educativo, com o objetivo de formar um indivíduo ativo e interativo com o meio em que vive. Diante desta realidade surge o processo construtivista em meados de 1980, o qual pauta-se no interesse e curiosidade do aluno, os quais devem ser provocados pelo professor.

O construtivismo se encontra concentrado na teoria de Piaget, cujo princípio no qual se fundamenta é que a criança precisa ter contato com o conhecimento científico, mas que este deve ser colocado à sua disposição, em um universo que a desperte e faça com que ela se desenvolva, em meio a objetos e fatos que lhe despertem a curiosidade e o interesse. Para que esse desenvolvimento aconteça em sua plenitude, faz-se necessário a mediação do professor.

A explicitação de Piaget sobre a gênese e a natureza do conhecimento humano ampara a elaboração de um pensar e fazer pedagógico que, a partir de então denomina-se processo construtivista. Esses pressupostos teóricos enfatizam a primazia da ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento, ou seja, a criança constrói seu conhecimento mediante uma experiência individual e por meio de interações estabelecidas com o meio físico e social (NEGRÃO, 2010, p. 71).

Em termos conceituais, construtivismo significa, especificamente, que o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui tal, por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que, antes da ação não há psiquismo, nem consciência e, muito menos pensamento.

A concepção construtivista, além de uma teoria, pode-se ser considerado como um referencial explicativo aplicativo que interpreta o processo de ensino-aprendizagem com um

processo social de caráter ativo em que o conhecimento é fruto da construção pessoal do aluno; construção essa mediada pelo professor e outros agentes culturais que fazem parte do contexto “desse aluno”.

Assim, cabe-nos aqui destacar que as explicações de Piaget (1984, p.133) sobre a construção do conhecimento como processo individual retira do sujeito o peso do determinismo apriorista, como se tudo estivesse predestinado, determinado, transcendentemente, no espírito humano (NEGRÃO, 2010, p. 72).

Construtivismo é, portanto, a colocação em prática da idéia piagetiana a respeito da realização da aprendizagem e do conhecimento ou um movimento do pensamento que emerge do avanço das ciências e da filosofia dos últimos séculos. Uma teoria que nos permite interpretar o mundo em que vivemos. No caso de Piaget, o mundo do conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento. Construtivismo não é uma prática, não é um método, não é uma técnica de ensino, não é uma forma de aprendizagem, não é um projeto escolar, mas uma teoria que permite reinterpretar todas essas coisas jogando-nos para dentro do movimento da história: da humanidade e do universo. Não se pode esquecer que, em Piaget, aprendizagem só acontece na medida que a criança se desenvolve, como movimentos das estruturas da consciência.

Na prática escolar, é possível compreender o que acontece em uma sala de aula, cuja teoria aplicada é a construtivista, em que os alunos têm à disposição uma variedade de elementos que evidencia a construção do conhecimento a partir do uso do raciocínio e, em muitos casos, da indução e dedução.

A escola de hoje (século XXI), passou a adotar com muito sucesso nos últimos três anos a orientação construtivista. O construtivismo, em linhas gerais, é o processo pelo qual o indivíduo aprende as coisas da realidade ao colocá-las em relação aos seus conhecimentos anteriores.

O professor repensa o seu papel como educador. Ao invés de ser somente o transmissor de idéias e informações, torna-se o agente do desenvolvimento do aluno, estimulando-o a raciocinar ao invés de imitar. Ele aprende através de descobertas. O educador entende os “erros” como hipótese e tem o prazer em discuti-los, promovendo o conflito interno e a evolução do pensamento.

Para a criança, assim como para a ciência, uma hipótese é aceita como verdadeira até que surja outra que a derrube. Elas vão reformulando suas hipóteses no decorrer de seu desenvolvimento. Desta forma, o erro é visto como uma etapa, a qual está dentro do processo

de aprendizagem, e serve como indicador do raciocínio da criança, possibilitando a interpretação e interferência do educador. Encoraja-se a criança a ser autônoma, independente e curiosa, a tomar iniciativas, exprimir suas idéias com convicção, de maneira construtiva e não de desencorajar facilmente.

O ensino é visto como um convite à exploração e à descoberta, ao invés de transmissão de informações e técnicas.

Nesse contexto de interação sujeito-objeto, o indivíduo tem um papel preponderante na construção do conhecimento. Ferreiro e Teberosky (1985, p. 26) reafirmam que esse papel é fundamental para se conquistar a autonomia moral por meio da autonomia cognitiva porque é “um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca, não é um sujeito que espera que alguém que possui um conhecimento o transmita a ele” (NEGRÃO, 2010, p. 73).

A aplicação adequada destes elementos é a base do aproveitamento do processo construtivista, que ainda suscita muita discussão, mas é defendido por muitos como atual e necessário para que a teoria e a prática se consolidem na realização do objetivo primeiro da educação, que é a aprendizagem.

Diante desse patamar, o processo sócio-libertador ganhou maior atenção, uma vez que se preocupava não somente com a aprendizagem de conteúdos escolares, mas também preocupava-se que o indivíduo, pudesse através da educação a vir ser emancipado.

O processo didático sócio-libertador tem suas origens na metade do século XX, com as idéias do brasileiro Paulo Freire, que revoluciona o pensamento educacional a partir da sala de aula, com extensão aos grupos sociais, integrando os cidadãos no sentido da aquisição de conhecimento, somados aos seus direitos e ao relacionamento uns com os outros. Tem por alicerce o despertar da consciência para o desempenho do papel humano na sua plenitude nas áreas política, profissional, familiar e sócio-cultural de modo geral.

É preciso permitir que o homem se desenvolva a partir de sua capacidade intelectual e social. Para que isso ocorra é fundamental que lhe dê liberdade plena para suas ações e expressão de capacidade, ou seja de suas idéias. E isso só é possível quando este homem tem consciência de si e do que pode e deve fazer.

Para Paulo Freire (1979), a conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra

na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens.

O processo de conscientizar, sempre inacabado, não significa transferir para os outros o peso de um saber descomprometido, o que induziria a novas formas da alienação, mas consiste em vinculá-lo a ações concretas e eficazes. Conhecer a conscientização como método pedagógico de libertação não é suficiente. Toma-se necessário transformá-la e vive-la, na prática escolar, como uma metodologia da mudança, constituindo-se um compromisso teórico-prático de todos os educadores e educandos (GASPARIN, 2010, p. 85).

A preocupação com a filosofia deste processo didático está concentrada não na simples transmissão de conteúdos de supostos conhecimentos, tão pouco na formação do cidadão dentro de princípios em que predominam as ideologias feitas com base no pensamento de seus criadores. Trata-se de uma proposta que permite através do livre desenvolvimento intelectual e da criatividade, como elementos para a escolha do que é mais importante para cada um, sem com isso interferir na ordem legal ou esquecer-se das relações sociais.

A formação do homem em sua capacidade intelectual está diretamente ligada ao ambiente onde se encontra. Quanto mais aberto, mais explícito, mais prático e transparente, melhor será o seu resultado. Isso só poderá ocorrer em ambiente de liberdade e de participação, o caso da educação, o aluno tem que ser tratado como sujeito ativo na sua plenitude.

Isso implica afirmar que o processo de conscientização não permite imposição no sentido de escolha, mas sim, de descoberta dos direitos e deveres do cidadão e da capacitação para que ele possa ter instrumentos para alcançar e vivenciar estes dois lados de uma mesma moeda.

O entendimento da proposta deste processo didático na prática ressalta a “educação como prática da liberdade”. Isso quer dizer que é preciso conhecer o outro para respeitá-lo, somando-se a ele e a demais indivíduos em diferentes dimensões para a construção de um mundo mais pacífico e sem omissões, seja participativo por compromisso e não por determinação normativa.

A educação, nessa perspectiva, não se faz de um indivíduo para outro, ou sobre o outro, mas com o outro, mediatizados ambos pelo mundo, pelo conteúdo comum, nas condições concretas dos existires de cada um. Por isso, o conteúdo da educação não pode ser definido apenas pelo educador-educando, nem somente pelos educandos-educadores, mas buscado por ambos na realidade mediatizadora e na consciência que se tenha dela (GASPARIN, 2010, p. 87).

Identificando os níveis de consciência propostos neste processo didático, centrado principalmente na obra de Paulo Freire, toma-se mais simples compreender e assimilar o fenômeno da conscientização como prática educacional. Os níveis de consciência são apresentados da seguinte forma:

Consciência intransitiva; consciência transitiva ingênua; consciência transitiva crítica; consciência filosófica; consciência sociopolítica organizativa e consciência pedagógica, apontadas por Gasparin (2010, p. 88-89).

Pode-se observar que a proposta da conscientização é a da libertação da mente, que proporcionará ao cidadão agir de forma mais segura, pois ele sabe que além de estar exercendo um direito sagrado por sua condição humana, também devem se responsabilizar por seus atos e portanto responder por eles.

A educação como um todo, deveria pensar seriamente na liberdade não como limitações do que pode e não pode, das penas as quais se corre o risco aquele que não segue a risca o que estabelecem, aqueles que se julgam donos do poder, seja por leis e normas diversas ou por imposição apenas de poder político ou econômico.

Isso indica que a prática da educação libertadora deveria ser mais presente nas escolas de nosso tempo.

Com relação aos elementos didáticos, são denominados de forma semelhantes aos demais processos, porém, com estruturas diferenciadas.

São elementos didáticos deste processo:

Conteúdo; objetivo; metodologia; avaliação e planejamento, segundo Gasparin (2010, p. 92-93).

Segundo essa proposta didática escolar, os conteúdos são fundamento para professores que desejam trabalhar os conteúdos curriculares das diversas áreas do conhecimento, tanto em nível de Ensino Fundamental e Médio quanto Superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância que na formação docente, os futuros pedagogos possam ter contato com os antigos modelos didáticos, uma vez que os mesmos influenciaram a educação de nosso tempo (século XXI), de maneira que contribuíram para a constituição de uma didática a qual correspondessem às necessidades latentes.

Não podemos descartar tudo o que esses antigos modelos didáticos tinham como meta, pois muitos foram os pontos positivos que os mesmos nos deixaram, sim é claro que também houve equívocos, mas a educação também está sujeita a cometer erros, sendo que estes devem ser superados.

Considerar como antiquado antigos modelos educacionais, é uma maneira errônea de se pensar, uma vez que cada modelo educacional corresponde a um determinado modelo de sociedade, a qual procura formar um cidadão que corresponda aquilo que a mesma necessitava. Conhecer a história da didática é fundamental para qualquer pedagogo, visto que vários são os resquícios encontrados nos modelos educacionais de hoje, dessa forma esse pedagogo poderá entender melhor porque se tem determinada didática dentro do ambiente escolar, e porque a mesma é aplicada.

Foram muitos os pontos relevantes desses antigos modelos educacionais, os quais perpetuam até hoje, como as aulas expositivas consideradas importantes no modelo Tradicional, a valorização do sujeito que aprende, no modelo Escolanovista, a introdução da tecnologia tão utilizada e necessária para sociedade moderna, trazida pelo modelo Tecnicista, a construção do conhecimento realizada pelos alunos e suas descobertas, deixando para traz a sensação de que só o professor detem o conhecimento, idéias essas colocadas pelo modelo Construtivista e também o modelo Sócio-Libertador, nos trouxe uma conscientização fundamental para que todos os indivíduos possam ser inseridos de fato na sociedade, deixando de ser alienados ou passivos, ou seja esse modelo nos traz a conscientização da importância do pensamento letrado, o qual pode dar plenas condições para que o indivíduo possa participar da sociedade em que vive, passando assim a pensar por si mesmo, não precisando “emprestar” o pensamento de outros, os quais muitas vezes não condizem com os interesses deste indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, Anair. Processo tecnicista. In: ALTOÉ, Anair at al. **DIDÁTICA**: processos de trabalho em sala de aula. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 57 - 68

GASPARIN, João Luiz. Fundamentos históricos e filosóficos da didática. In: ALTOÉ, Anair at al. **DIDÁTICA**: processos de trabalho em sala de aula. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 13 – 29.

GASPARIN, João Luiz. Processo sócio-libertador. In: ALTOÉ, Anair at al. **DIDÁTICA**: processos de trabalho em sala de aula. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 83 – 93.

NEGRÃO, Maria Tampellin Ferreira. Processo construtivista. In: ALTOÉ, Anair at al. **DIDÁTICA**: processos de trabalho em sala de aula. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 71 - 80.

NEGRÃO, Maria Tampellin Ferreira. Processo escolanovista. In: ALTOÉ, Anair at al. **DIDÁTICA**: processos de trabalho em sala de aula. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 47 - 55.

TERUYA, Teresa Kazuko. Processo tradicional. In: ALTOÉ, Anair at al. **DIDÁTICA**: processos de trabalho em sala de aula. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 33 - 42.